

PREFÁCIO

Este é um momento muito significativo para nós, do Grupo da Prática Exploratória do Rio de Janeiro. Alguns colegas já trouxeram as idéias da Prática Exploratória para números anteriores da Revista do IPEL do Departamento de Letras da PUC-Rio, mas desta vez foi diferente. Ao aceitarmos o convite para preparar este volume especial, enfrentamos o desafio de organizar, pela primeira vez no Brasil, um conjunto de textos escritos por diversos professores e alunos autores do grupo, que desejam compartilhar suas vivências com Prática Exploratória.

Estes praticantes exploratórios, buscando entender mais profundamente aspectos instigantes de suas vidas em sala de aula ou de suas vidas em outros contextos de trabalho, vivenciam suas práticas pedagógicas e/ou profissionais com maior intensidade e descobrem que a Prática Exploratória é uma forma de ‘estar’ em sala de aula ou no lugar de trabalho. Esta ‘escuta sensível’ e a monitoração ou observação ‘mais atenta’ contribuem para uma atitude reflexiva contínua que se integra *ao* fazer e que integra as pessoas mutuamente *no* fazer.

A Prática Exploratória “percebida” por Allwright nas aulas de alguns professores da Cultura Inglesa do Rio de Janeiro, em 1991, tem sido o tema motivador de suas palestras e textos publicados em inglês, em livros e em revistas internacionais. No entanto, só agora temos a oportunidade de trazer o seu texto clássico onde Allwright apresenta a Prática Exploratória em contraste com a Pesquisa Ação e a Prática Reflexiva. Maria de Lourdes Sette, nossa colega exploratória, cumpriu a difícil tarefa de traduzir o pensamento lúcido do autor sobre questões centrais do desenvolvimento profissional de professores.

A educação continuada de professores de línguas estrangeiras está tematizada por Inés Miller e Isabel Moraes Bezerra quando discutem o potencial do trabalho com a Prática Exploratória na construção de uma atitude investigativa na sala de aula. Dentro deste mesmo tema, Mariluce Pessoa, relata como seu contato com a Prática Exploratória ajudou-a a redirecionar seu trabalho de supervisora em um curso de línguas. A problematização do seu foco inicial na eficácia dos planos de aula por ela elaborados propiciou um trabalho colaborativo com seus professores em busca de entendimentos e desenvolvimento mútuos.

A qualidade de vida na sala de aula – um tema caro à Prática Exploratória – é trazida por professoras que constroem ricas narrativas sobre o seu cotidiano escolar. Nelas encontramos *puzzles*/questões e crenças de alunos e de professores bem como atividades pedagógicas orientadas para a reflexão. Renata Amarante relata sua experiência com futuros jornalistas cursando uma oficina de texto. Elaine Souza focaliza os questionamentos sobre hierarquias e avaliação levantados por seus alunos de duas turmas de língua portuguesa do Ensino Médio, o mesmo fazendo Iacy Nunes ao discutir com suas alunas diferentes formas de violência na escola. A necessidade de se priorizar a qualidade de vida e a reflexão nos cursos de graduação e de pós-graduação é abordada por Josefina Mello e Ma. Lucia Wurm. Walewska Braga e Solange Braga narram uma surpreendente coincidência vivida por elas e um aluno exploratório.

Três alunos autores escrevem sobre sua condição pessoal de praticantes que refletem: Ana Raquel Silva, Chrystiane Freitas e Sérgio Lima. São duas jovens alunas do Ensino Médio e um aluno adulto que, após experimentarem um processo de reflexão durante suas aulas de inglês e de participarem de vários eventos de Prática Exploratória, aceitaram o convite de colocar no papel suas experiências exploratórias. Seis professoras exploratórias, Doreen Purcell, Isolina Lyra, Julia França de Lima, Marja K. V. Parno, Solange Fish da Costa Braga, Walewska Gomes Braga, escrevendo em conjunto, convidam o leitor para um passeio pela instalação-labirinto que criaram para um evento e que traduz seu envolvimento com a Prática Exploratória.

Paralelamente a estas narrativas do cotidiano escolar, o fazer da Prática Exploratória e a reflexão teórica sobre este fazer vêm desbravando contextos acadêmicos brasileiros e internacionais, contribuindo, há quase uma década, para o discurso crescente da Prática Exploratória. Os autores de artigos em periódicos, dissertações de mestrado e teses de doutorado, desenvolvidos a partir de investigações orientadas pelos princípios da Prática Exploratória, têm encontrado desafios e levantado questões interessantes no processo de negociação com o gênero acadêmico predominante em âmbitos universitários. A tese de doutorado de Inés Miller, aqui resenhada por Isabel Moraes Bezerra vem ilustrar uma das primeiras iniciativas desta vertente.

Esta seleção de textos visou refletir a variedade do que tem sido produzido ao longo destes dez anos de trabalho. Muito do fazer da Prática Exploratória acontece

oralmente – em salas de aula, eventos ou sessões onde praticantes compartilham suas questões, discutem como buscar entendê-las e/ou refletem sobre seus entendimentos. Nos gêneros ‘pôster’ e ‘apresentação de pôster’, já consagrados na Prática Exploratória, as vozes de autoria exploratória falam alto e diretamente com outros professores e alunos de diversos contextos e idades que também desejam entender suas vidas nas salas de aula e fora dela. Estes pôsteres são guardados como preciosidades, por permitirem múltiplas (re)apresentações pelos próprios autores e por seus colegas. Mas as apresentações e discussões, interativas por natureza, só podem ser capturadas em fotos ou em vídeos com comprometimento de som devido ao excesso de ruído nos eventos. São vivências, memórias e imagens que fazem parte de uma tradição reflexiva oral, de difícil transposição para a modalidade escrita.

Das sessões e oficinas inspiradas nos princípios da Prática Exploratória, temos preciosas contribuições feitas por participantes. As longas listas de *puzzles*/questões de alunos e professores, as crenças dos grupos com quem trabalhamos e suas ricas narrativas do cotidiano escolar passaram de nossos clássicos papéis pardos para versões digitalizadas, que planejamos num futuro próximo publicar. Mas, como editoras, percebemos que, longe da ‘energia’ gerada no trabalho das sessões, estes documentos parecem ter perdido a ‘emoção’ e, seus ‘autores’, a ‘fala’. Por respeito à autoria deste material, temos apresentado esses *puzzles*, crenças e narrativas em *handouts* que estimulam diálogos produtivos com participantes de novas sessões da Prática Exploratória. Acreditamos ter achado, assim, um gênero para veicular, temporariamente, nossos arquivos exploratórios. Outra tentativa neste sentido tem sido criar e manter atualizado nosso site: <http://www.lettras.puc-rio.br/epcentre/>.

A passagem de textos produzidos por praticantes exploratórios para o formato de artigo em periódico internacional se iniciou em 2003, quando Dick Allwright, mentor intelectual do grupo, inaugura sua atuação como subeditor do *Language Teaching Journal* dedicando um volume especial à Prática Exploratória, como uma forma promissora de pesquisa do praticante (*practitioner research*). Localmente, no Rio de Janeiro, a reflexão profissional entre pares tem encontrado um espaço editorial na revista *Mindbite*, da Associação de Professores de Língua Inglesa do Rio de Janeiro (APLIERJ), onde vários professores do Grupo da Prática Exploratória do Rio de Janeiro têm

articulado seus entendimentos por escrito, na maioria das vezes através de suas narrativas. Nestas ocasiões, tornam-se explícitos os desafios envolvidos ao buscar respeitar a autoria do professor e a necessidade de se (re)pensar questões de gênero, de forma a acolher as vozes de professores e/ou alunos reflexivos em gêneros existentes

Foi dentro deste horizonte de reflexão e inovação que, para preparar este volume especial da Revista Pesquisas em Discurso Pedagógico do IPEL, formamos uma subcomissão editorial integrada pelas colegas exploratórias Adriana N. Kuschnir, Beatriz de Castro Barreto, Isabel Cristina Bezerra Moraes, Marja K. V. Parno, e Walewska Braga, além de Inés K. Miller e Maria Isabel A. Cunha. Decidimos nos concentrar mais nos processos de autoria do que no rigor classificatório dos textos produzidos. Temos clareza que nesta seleção temos hoje uma gama de textos híbridos que vão do ensaio ao artigo, ao relato, à crônica e à resenha. Preferimos valorizar esta hibridez, para não apagar as vozes dos nossos autores, especialmente as de nossos alunos exploratórios. Vivenciamos estes processos de escrita, como mais um trabalho para entender, mais um processo de Prática Exploratória.

Inés Kayon de Miller

Departamento de Letras, PUC-Rio; Grupo da Prática Exploratória do Rio de Janeiro
inesmiller@hotmail.com

Maria Isabel Azevedo Cunha

CAP/UFRJ, Grupo da Prática Exploratória do Rio de Janeiro
bebel54@hotmail.com